ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

A CRÍTICA AO RACISMO NA OBRA *THE HELP*, DE KATHRYN STOCKETT: UM OLHAR DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA

The criticism of racism in the book The Help, by Kathryn Stockett: a view from French Discourse Analysis

Adriana Duarte de Souza Carvalho[i]
Centro Universitário Claretiano

Resumo: O objetivo desse trabalho de pesquisa foi realizar a análise de discurso de tradição francesa da obra de ficção "The Help", da escritora Kathryn Stockett, a partir do processo tradutório de trechos dessa obra. Trata-se de uma obra de denúncia e crítica ao racismo nos Estado Unidos das décadas de 50 e 60 do século passado, vivenciado diariamente pelas empregadas domésticas. Dessa forma, é fundamental que a tradução da obra seja capaz de manter esse tom de denúncia e de mostrar o impacto do racismo sobre a dignidade dessas mulheres. Por meio do instrumental da análise de discurso, que propõe a manipulação de determinadas categoriais analíticas, foi possível realizar uma tradução que fosse capaz de manter a crítica ao racismo contido no texto e que faz da obra original uma importante realização literária.

Palavras-chave: análise do discurso francesa, tradução, racismo.

Abstract: The purpose of this research work was to accomplish the discourse analysis of the work of fiction "The Help" by Kathryn Stockett, from the translation process of excerpts from this work. It is a work of denunciation and criticism of racism in the United States of the 50s and 60s of the last century, experienced daily by the maids. In this way, it is fundamental that the translation of the work be capable of maintaining this tone of denunciation and also show the impact of racism on the dignity of these women. Through the instrumental of discourse analysis, which proposes the manipulation of certain analytic categories, it was possible to carry out a translation that was capable of maintaining the criticism of the racism contained in the text, that makes the original work an important literary achievement.

Palavras-chave: ***French Discourse Analysis***, translation, racism.

Introdução

A análise de discurso, considerada pela literatura especializada como teoria e metodologia de pesquisa, tem longa tradição em áreas como análise do discurso político, literário, de imagem, de relatos de experiência, etc. São inúmeros os *corpora* de análise, que vão desde a análise de discurso de histórias em quadrinho até de redações de alunos da educação básica. Contudo pouca atenção tem sido dada aos processos tradutórios (CAMPOS, 2009). Dessa forma, esse trabalho de pesquisa se propõe a analisar tais processos tradutórios a partir da perspectiva da Análise do Discurso Francesa.

Avaliar uma tradução por meio das técnicas da Análise do Discurso Francesa implica reconhecer que todo tradutor se inscreve no simbólico e no subjetivo e que, efetivamente, não existe tradução absolutamente fiel do texto de partida. A partir daí é possível verificar até que ponto o tradutor efetivamente traduz e quando ele começa a interpretar, a criar sua própria versão. Do ponto de vista do mercado editorial, isso pode soar como uma má notícia, porque as editoras ainda têm a crença na tradução literal e na sua legitimidade, entretanto é fundamental reconhecer que nenhuma tradução é isenta ou neutra.

Os analistas de discurso têm dado pouca atenção para a tradução como o discurso que ela efetivamente representa e pouca atenção também sido dada ao tradutor, como aquele que fala de um lugar histórico específico, com cultura e ideologia próprias. Durante muito tempo a tradução foi ignorada como *corpus* de análise.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é mostrar que uma tradução pode ser sim um *corpus* de análise do discurso e que deve ser objeto de estudo da análise do discurso, preenchendo, assim, uma importante lacuna na literatura especializada. Por meio desta pesquisa mostraremos que, ao traduzir, o tradutor produz um discurso que revela como ele posiciona-se sobre o texto traduzido e que, portanto, a tradução tem interdiscursos, não-ditos, como qualquer outro *corpus* da análise do discurso.

Essa é uma pesquisa de caráter eminentemente teórica e qualitativa, que será realizada por meio de pesquisa bibliográfica. Em primeiro lugar, faremos um apanhado dos mais importantes autores da área da Análise do Discurso, na linha francesa. Utilizaremos as principais categorias analíticas da área da Análise de Discurso, o que demandará um trabalho de conceituação das mesmas. Em seguida, utilizamos tais categorias para compreender os processos tradutórios de um *corpus* escolhido para análise. O *corpus* escolhido é formado por trechos do livro "The Help", da autora Kathryn Stockett, que serão traduzidos ao longo do texto. Por meio dos conceitos da análise de discurso, faremos a análise desses trechos, sempre a partir da temática do racismo.

1. A Análise de Discurso Francesa

Orlandi (2008) explica que a análise do Discurso Francesa, à qual esse trabalho se filia, surge nos anos 60. A análise do discurso não é uma ciência pura, embora tradicionalmente seja estudada no Brasil privilegiadamente pelos linguistas, esta possui três filiações teóricas: a própria Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico Dialético de Karl Marx, e tem como

fundador Michel Pêcheux (MALDIDIER, 2003). A partir de agora vamos conhecer os principais pressupostos da Análise do Discurso.

Maldidier (2003) explica que o discurso é um lugar teórico no qual o autor deixa marcados língua, história e sujeito. Discurso não é texto. O discurso pode ser um texto, mas também pode ser uma imagem, um gesto, uma música e, claro, uma tradução. Um discurso escolhido para uma análise é denominado de *corpus*. Assim, a autora mostra que um *corpus* nunca é vazio e não tem apenas um significado. Ele está sempre relacionado a forças sociais específicas e o seu sentido é produzido a partir da História. Dessa forma, a análise do discurso é muito mais do que a mera interpretação de texto, ela é uma busca pelos efeitos de sentidos que o discurso produz, a partir do momento em que se inscreve na história, no consciente, na própria língua e no sujeito que fala.

Não há um método específico de análise do discurso, não há uma trilha a ser seguida. O que há são conceitos, a partir dos quais o analista tenta se apropriar dos sentidos. Dessa forma, diferentes analistas podem produzir diferentes análises de um mesmo *corpus*. O analista nunca procura uma verdade única, mas sim os sentidos que, para ele, o *corpus* produz.

Foucault (2009) é também um dos grandes expoentes da Análise de Discurso francesa e afirma que todo discurso remete a outros discursos. Além disso, os discursos remetem ao que o autor chama de instituições e práticas, dialogando evidentemente com a cultura de seu autor. Para Foucault (2009), os discursos apresentam-se a partir de inúmeros sentidos e, portanto, cada autor atribui sentidos autônomos aos textos que produz, de acordo com sua cultura e com suas experiências de vida.

A partir da análise de Foucault (2009) assumimos que a tradução é um discurso independente do texto original. Ele tem uma autonomia própria e revela os sentidos atribuídos pelo tradutor ao original. Dessa forma a análise de discurso de uma tradução não demanda apenas uma análise do texto original, mas precisa considerar também a autonomia da tradução em si e a forma como ela tem um discurso diferente do texto original. Essa perspectiva rompe com qualquer pressuposto de que as traduções possam ser absolutamente fieis ao texto de partida, expressando exatamente o que o autor quis dizer. Nesse sentido, devemos considerar que o sujeito tradutor é também autor, que produz novos efeitos de sentido ao traduzir uma obra. Isso implica que seu imaginário, suas ideologias, sua história manifestam-se na tradução. O tradutor nunca está invisível, mesmo que intencione estar. Ainda que de forma inconsciente, suas ideologias podem apresentar-se ao traduzir e, portanto, constituir novos efeitos de sentido.

Orlandi (2008) corrobora o argumento de Foucault (2009) em sua obra. A autora afirma que quando um sujeito tem acesso a um discurso ele o interpreta a partir de sua posição específica, de sua história, de sua cultura, de sua posição social. Dessa forma, seu acesso ao discurso não se dá com neutralidade, pelo contrário, o sujeito sempre interpreta. Sobre isso Orlandi (2008, p. 65) afirma: "Do ponto de vista da variança, ainda que o sujeito repita o mesmo, já é outro texto, mesmo que não mude a posição do sujeito em relação à ideologia". Dessa forma, Orlandi (2008) explica que efetivamente não há tradução, mas sim versões, que são resultado desse processo interpretativo. Toda tradução é a interpretação do tradutor.

Dessa forma, não há como negar que há muitos entrelaçamentos possíveis entre o processo tradutório e a análise do discurso. Campos (2009, p. 50) apresenta alguns deles: "(...) podemos destacar pelo menos três semelhanças entre as duas áreas: o interesse pela relação entre língua e ideologia; o objetivo de combater a visão da língua como algo transparente; a consideração do papel do leitor como produtor de discursos". No processo tradutório, o tradutor constrói uma nova versão do texto de partida e, portanto, é ele mesmo um produtor de discursos. Os novos discursos produzidos revelam as ideologias do sujeito tradutor. Temos, assim, um novo texto formulado, com um novo conjunto de sentidos. Orlandi (2008, p.10) afirma:

> Não há corpo que não esteja investido de sentidos e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais, assim como o modo pela qual, ideologicamente, somo interpelados em sujeitos.

No processo de tradução, o sujeito tradutor não consegue negar sua subjetividade e a forma pela qual é influenciado pelas instituições e suas práticas. Dessa forma, deixa marcas no texto, que revelam de quais formações discursivas ele fala e que posicionamento ideológico possui. Ainda que as editoras e o mercado de tradução esperem que o tradutor mantenha-se invisível e neutro, do pondo de vista da Análise do Discurso, isso não é possível.

Brito (2010) revela que há, no mercado, um discurso sobre o apagamento do tradutor na obra traduzida. Apesar disso, aponta a autora, na tradução aparecem as posições identitárias do próprio tradutor que jamais poderiam ser apagadas, já que inconscientemente manifestam-se. O tradutor pouco controle tem sobre elas.

Guilhaumou (2009) chama os textos de acontecimento discursivo. A partir dos conceitos desse autor, uma tradução é um acontecimento

discursivo e, como tal, tem características próprias. A primeira delas é que um acontecimento discursivo tem seu sentido específico. Portanto uma tradução tem um sentido só seu, diferente daquele do texto de partida. Segundo Guilhaumou (2009, p. 130), "o acontecimento introduz no *continuum* do mundo as multiplicadas possibilidades de uma produção de sentido irredutível a um contexto externo. Ele é a própria origem do sentido, ele faz sentido".

Orlandi (2009), reafirmando Guilhaumou (2009), mostra que não há como um discurso não se inscrever no simbólico. A autora mostra que o sujeito sempre interpreta e o tradutor, portanto, vai interpretar o texto que estiver traduzindo. Ao realizar um procedimento tradutório, a história e a sociedade estão incorporadas ao seu trabalho, de tal forma que ambas atribuirão o sentido do resultado desse processo.

Brito (2010) traz uma análise muito interessante das chamadas "notas de tradução", muito comum em livros, especialmente de literatura. Não há como negar que, nelas, o tradutor evidentemente traz um sentido próprio explícito, trazendo sua releitura do texto de partida. A autora explica que é comum, nas notas, o autor apresentar-se como invisível, pretendendo preservar o sentido original, contudo sabemos que, pela análise do discurso, isso não pode ser feito, não há como o autor negar-se a produzir um novo sentido, ou seja, não é capaz de deixar de interpretar. É justamente por isso que a análise de discurso dialoga com a Psicanálise, para legitimar o fato de que não conseguimos negar nosso inconsciente e, portanto, que efetivamente não conseguimos nos negar a produzir sentidos.

Ao refletir sobre o papel do analista do discurso, Orlandi (2008) mostra que cabe a este compreender seu *corpus*, o que significa relatar de que forma este produz sentido, revelando de que forma ele se relaciona com a história e com a ideologia.

Orlandi (2009, p.17) explica que o analista de discurso, diante de um *corpus*, faz a seguinte pergunta: "(...) como este texto significa?" É isso que nos propomos a fazer no próximo tópico, avaliar de que forma as traduções significam.

2. O *Corpus* de Análise

Orlandi (2009) mostra que as condições em que o discurso é produzido devem ser consideradas pelo analista de discurso. A autora explica que as condições de produção referem-se ao contexto social, histórico e ideológico. Nesse sentido, começamos com uma breve apresentação do nosso *corpus*.

Trata-se de uma ficção literária de denúncia, publicada em 2009, nos Estados Unidos. O texto foi traduzido para a língua portuguesa como "A Resposta". Essa tradução não foi consultada, para que não influenciasse no que está sendo proposto neste artigo. O livro foi um *best seller* nos Estados Unidos e tornou-se filme em 2011, com o título em língua portuguesa "Histórias Cruzadas".

Orlandi (2009, p.38) explica que "Todo dizer é ideologicamente marcado" e, do ponto de vista ideológico, o livro "The Help" tem como pano de fundo a luta dos negros norte-americanos por direito civis. É um livro de denúncia à terrível discriminação e violência a que estavam submetidos os negros nas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos. A história é contada do ponto de vista de mulheres empregadas domésticas de famílias de classe média. Dessa forma, a análise de discurso deve levar em conta o sentido produzido pelo livro, ou seja, a crítica a uma sociedade que é excludente, preconceituosa e que marginaliza o negro.

Essa pesquisa foi feita por meio de uma edição do livro da editora Berkley, de 2009. As traduções foram feitas pela autora deste artigo. A autora não teve acesso a nenhuma tradução em língua portuguesa, para não se deixar influenciar por elas. Teve acesso apenas ao texto original em língua inglesa. O texto tem várias narradoras, cada uma delas uma das personagens do livro: Aibilleen, Minny e Miss Sketer. Escolhemos apenas alguns trechos de uma personagem, Aibilleen, para constituir uma única unidade de análise e o mesmo enredo, já que cada personagem tem sua própria história e versão dos acontecimentos narrados.

3. Uma proposta de Análise do Discurso

O primeiro desafio da tradução do nosso *corpus* está na própria fala das narradoras. A autora do livro procurou recuperar a linguagem das mulheres negras analfabetas da década de 60 nos Estados Unidos e, portanto, a língua inglesa falada por elas não é a língua inglesa culta[1]:

É o que podemos verificar aqui, em Stockett (2009, p.17):

"You is kind. You is smart. You is important."

Essa é a fala da empregada Aibellen. Ela repete inúmeras vezes esse discurso no livro, para uma criança que cuidava como babá. A criança era constantemente rejeitada pela mãe, que não a considerava bonita. Então, Aibellen toma como missão sua fazê-la sentir-se importante e bem consigo mesma.

[1] É importante considerar que, conforme Orlandi (2009), a Análise do Discurso não se propõe uma análise gramatical. E certamente não é o que estamos propondo. No caso em análise, a gramática importa à medida que suas nuances produzem diferentes significados.

Aibellen, no livro, tinha dificuldades com o plural e ela não consegue utilizar o "are" e, portanto, a frase está gramaticalmente incorreta. Sem dúvidas esse trecho é um desafio para o tradutor, porque na língua portuguesa estaria correta a tradução literal: Você é boa. Você é esperta. Você é importante. A frase coloca o tradutor diante de duas possibilidades: ou ele traduz literalmente e, dessa forma, rompe com a proposta do livro de apresentar a utilização incorreta da língua inglesa pelas mulheres negras naquele contexto ou ele conscientemente provoca outro erro na tradução, diferente daquele proposto pela autora. Qualquer que seja a escolha que ele faça, será necessário fazer aquilo que Orlandi (2009) afirma que faz parte da criação de um discurso: a interpretação. Não importa a escolha do tradutor, ele está atribuindo um sentido para a tradução que é própria de sua cultura e de sua história.

Todavia é importante pontuar que as exigências da formação e da prática profissional do tradutor e as demandas mercadológicas podem provocar nele a necessidade de negar, de não assumir o gesto da interpretação. O fato é que, nas universidades, o tradutor é ensinado que não é intérprete, que não produz efeitos de sentido, pois tais ações colocariam em risco a literalidade da própria tradução. Entretanto, do ponto de vista da Análise do Discurso, a tradução é sim uma nova versão do texto original, que deixa as marcas ideológicas do tradutor.

Assim, se levarmos que conta que o texto sempre significa algo e que ele tem um conteúdo ideológico, perceberemos a importância de manter a tradução com palavras erradas, para manter a ideia da carência de estudos da personagem. Uma proposta de tradução seria:

"Cê é boa. Cê é esperta. Cê é importante."

Vejamos agora em Stockett (2009, p.201):

"Stuart needs "space" and "time," as if this were physics and not a human relationship."

Certamente aqui o grande desafio é traduzir a palavra "human". A tradução literal ficaria dessa forma:

"Stuart precisa de espaço e tempo, como se essa fosse uma relação física, não uma relação humana."

Contudo, precisamos pensar sobre a tradução da expressão "humana" em língua portuguesa. Ela significa bondade, caridade. Como quando dizemos: O atendimento nos postos de saúde precisa ser mais humano. E certamente não é isso que o autor quer expressar. O autor quer

expressar relacionamento entre duas pessoas. Aqui o tradutor precisa sair da sua pretensa e imaginária condição de neutralidade e fazer uma escolha sobre qual sentido quer atribuir ao texto, ou seja, qual é o não-dito que vai manipular. Ele poderá traduzir como:

"Stuart precisa de espaço e de tempo, como se essa fosse uma relação física, não uma relação entre duas pessoas."

Para fazer essa análise à qual nos propusemos, foi necessário realizar a pergunta feita por Orlandi (2009) e descobrir o que o texto buscava significar. Ao fazê-lo, a interpretação proposta foi que a autora referia-se à relação entre indivíduos e à necessidade de pensá-la além daquilo que é concreto, que é material.

Brito (2010) mostra que o tradutor, ao traduzir, pronuncia um discurso sobre si próprio. É o que podemos observar que ocorre no trecho a seguir, no qual Aibellen fala sobre as conseqüências da morte de seu filho Treelore, em Stockett (2009, p.3).

> "Five months after the funeral, I lifted myself up out a bed. I put on my white uniform and put my little gold cross back around my neck and I went to wait on Miss Leefolt cause she have her baby girl. But I weren´t too long before I seen something in me had changed. A bitter seed was planted inside me. And I just didn´t feel so accepting anymore."

O desafio da tradução desse parágrafo para o tradutor é a última frase do parágrafo. Que sentido a frase está produzindo? A tradução desse texto nos remete ao conceito de interdiscurso, que implica que todo discurso é polissêmico, cruzado por muito outros, inscritos na memória inconsciente do autor do discurso[2]. O que Aibellen não mais aceitaria? Não se trata apenas da morte do filho, se trata da sua própria condição, da exclusão e vulnerabilidade à qual estava submetida pela sua condição de mulher negra e pobre. Esse é um dos sentidos produzidos aqui. Dessa forma, uma possível tradução seria:

"E eu não me sentia mais tão tolerante."

Orlandi (2009, p. 33) afirma: "O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido." O interdiscurso que pode ser observado é a memória do racismo, da exclusão,

[2] Orlandi (2009, p. 33) descreve o conceito de interdiscurso da seguinte forma: "(...) é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos."

o que justifica a escolha da palavra "tolerante" na tradução.

O tradutor, no exercício do seu ofício, precisa reconhecer os não-ditos, porque eles também produzem sentido no momento da tradução. Vejamos no exemplo, em Stockett (2009, p.240):

"We are just two people. Not that much separates us. Not nearly as much as I'd thought."

O não-dito nesse parágrafo é a segregação racial, que separa os indivíduos, que estabelece hierarquias, que promove a marginalização do outro. Para Orlandi (2009, p.82) o não-dito complementa o posto, o que já está dito: "Consideramos que há sempre um não-dizer necessário. Quando se diz 'x', o não-dito y permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de "x". O tradutor, ao recuperar o não-dito, é capaz de recuperar a formação discursiva ao qual o discurso de refere. Uma tradução possível seria:

"Nós somos apenas duas pessoas. Não somos tão diferentes. Não tanto quanto eu havia pensado."

Orlandi (2002) trabalha com o conceito de margens de sentido, conceito este pertinente para a questão tratada nesse *corpus* escolhido. Esse conceito propõe que os discursos produzem, em suas margens, muitos efeitos de sentido, uma polissemia de vozes repletas de ideologia. Orlandi (2002, p. 72) diz: "Não se pode não significar". Para o sujeito da linguem, o sentido está sempre-lá. Dessa forma, no *corpus* em análise, o sentido que está à margem, mas também sempre-lá, é a temática da exclusão do negro da tutela de direitos, no caso, especialmente os direitos civis.

O conceito de formação discursiva também é central na Análise de Discurso Francesa e pode ser um instrumento para o tradutor, especialmente quando precisa fazer escolhas difíceis sobre como traduzir determinado texto. Esse conceito refere-se ao fato de que todo discurso tem uma posição ideológica e, ainda que inconscientemente, o produtor do discurso se insere em uma posição ideológica, conforme nos explica Orlandi (2009, p.42-3):

> (...) podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas "tiram" seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se

inscrevem.

A formação discursiva, portanto, limita aquilo que será dito. Dessa forma, o tradutor, quando é capaz de determinar a formação discursiva em que se inscreve o texto que traduz, poderá escolher manter-se alinhado a ela ou não.

O livro The Help faz parte de uma formação discursiva de denúncia e crítica ao racismo. Entre tantos outros, esse é um dos efeitos de sentido do texto. Não há dúvidas que a autora conscientemente faz uma denúncia sobre o racismo e mostra que, no período histórico em que analisava, havia um racismo de forte violência psicológica na relação entre as domésticas e suas empregadoras.

Em determinado momento da narrativa, Miss Leefolt, que contratara Aibeleen, decide que esta não pode mais usar os banheiros da casa. Ela passa a acreditar que os negros devem ter banheiros separados, já que supostamente carregariam doenças diferentes daquelas dos brancos. A autora do livro mostra este fato como uma grande violência à dignidade de Aibellen. Essa é a descrição da personagem sobre esse evento:

> "Miss Leefolt wear a lot a make-up, creamy-looking stuff, thick. That yelowish make-up spread across her lips too, so you can barely tell she even got a mouth. I say what I know she want to hear: "I use colored bathroom from now on. And then I go on and Clorox the white bathroon again real good". (...)
> I put the iron down real slow, feel that bitter seed grow in my chest, the one planted after Treelore died. My face goes hot, my tongue twitchy. I don´t know what to say to her. All I know is, I ain´t saying it. And I know she ain´t saing what she want a say either and it´s strange thing happening here cause nobody saying nothing and we still managing to have us a conversation." (STOCKETT, 2009, p.35)

As escolhas para a tradução foram feitas com o objetivo de manter a formação discursiva do nosso *corpus* de análise, indicando a posição de subordinação em que a profunda desigualdade racial sujeitava Aibeleen diante da mulher que paga seu salário:

"A Dona Leefolt usa muita maquiagem, um negócio cremoso, grosso. Essa maquiagem amarelada também tá espalhada na boca dela, então parece que ela nem tem boca. Eu falo o que eu sei que ela quer ouvir: Eu uso o banheiro pras pessoa de cor de agora em diante. E depois eu lavo bem os banheiros dos branco."

"Eu coloco o ferro bem devagar, sinto uma semente amarga no peito, que foi plantada depois que o Treelore morreu. Minha cara fica quente e minha língua treme. Eu não sei o que fala pra ela. Só sei que não vou fala. E eu sei que ela não vai fala o que ela quer fala também, e é uma coisa estranha que tá acontecendo aqui, porque ninguém fala nada e a gente ainda consegue se entende."

O conceito de formação discursiva pode ser um instrumento importante para o tradutor, pois possibilita ingressar na posição ideológica do autor e, com isso, tentar reproduzi-la. No caso da nossa análise, mostrar a violência à dignidade de Aibileen que está expressa na metáfora do banheiro é fundamental para a narrativa.

Nas páginas seguintes, Aibileen descreve a experiência de utilizar seu novo banheiro:

> "The heat wave finally passes round the middle a October and we get ourselves a cool fifty degrees. In the mornings, that bathroom seat get cold out there, give me a little start when I set down. It´s just a little room they built inside the carport. Inside is a toilet and a little sink attached to the wall. A pull cord for the lighbulb. Paper have to set on the floor." (STOCKETT, 2009, p.38)

A tradução dessa triste descrição do banheiro precisa ser capaz de recuperar os não-ditos do *corpus*, bem como toda a formação discursiva da autora, para conseguir captar que, ao descrever o banheiro, Aibileen também está narrando a dor da segregação e do racismo aos quais estava submetida. Uma possível tradução diria:

"A onda de calor finalmente passa no meio de Outubro e agente consegue uns frescos cinquenta graus. De manhã a privada fica gelada lá fora e me ajuda a começa o dia quando eu sento. É apenas um pequeno quarto que eles construíram dentro da garage. Dentro tem uma privada e uma pequena pia presa na parede. Uma cordinha para a luz. O papel tem que fica no chão."

Orlandi (2009) explica que, do ponto de vista da Análise de Discurso, um discurso não pode ser entendido pela mera transmissão de informação. Ou seja, Aibileen não está meramente descrevendo o banheiro dos empregados. A fala da personagem expressa, na verdade, a forma como a autora é afetada pela língua, pela história, pelas ideologias. Assim, quando o tradutor é capaz de captar que sentido o texto produz, que ideologias estão sempre manipuladas, ele será capaz de expressar com mais fidelidade tal sentido.

Orlandi (2002) afirma que as ideologias são constituídas no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Nesse sentido, o discurso manifesta-se como a materialidade específica da ideologia. Assim, a análise do discurso do livro "The Help" mostra que o maior efeito de sentido produzido pelo texto é aquele que apresenta o racismo como violência, seja ela física ou psíquica, ainda sim vivenciada diariamente pelas empregadas domésticas como algo que as segregaram e que tiram delas a dignidade. Orlandi (2009) explica que o sentido apenas se constitui a partir

da ideologia. Dessa forma, o sentido do livro só pode ser percebido a partir da percepção dessa denúncia, dessa crítica ao racismo como ideologia central do texto.

Considerações Finais

Sabemos que não há tradução absolutamente fiel ao original, porque, ao traduzir, o tradutor produz sentido, a partir de sua própria constituição como sujeito e a partir da sua própria inserção na história e na ideologia. Contudo, a tradução da obra "The Help" tem uma importante mensagem e uma denúncia que, no nosso ponto de vista, não deveria ser perdida na tradução. A autora dialoga com um fenômeno que ainda se faz presente hoje, que é justamente o racismo que não é dito claramente, mas que se revela em pequenos gestos de segregação. Assim, embora a autora estivesse dialogando com uma realidade de cerca de cinquenta anos atrás, produz um discurso que é atualíssimo.

Dessa forma, quisemos propor nesse artigo que a Análise do Discurso, em sua versão francesa, pode ser uma importante ferramenta para o tradutor que deseja manter o sentido produzido por determinado texto. Ao ser capaz de captar a formação discursiva a qual obra pertence, o tradutor pode, ainda que parcialmente, mantê-la no texto, mesmo que, ao fazê-lo, também reproduza suas próprias ideologias e produza novos efeitos de sentido. Para isso, evidentemente, o tradutor precisa ser capaz de utilizar os conceitos da análise de discurso.

Quando, por exemplo, utilizamos o conceito de formação discursiva, podemos determinar o âmbito ideológico em que o texto original se inscreve e procurar mantê-lo no texto traduzido. É evidente que por meio desse procedimento o tradutor não deixa de produzir seu próprio sentido e sua própria versão do texto, mas o faz mantendo-se fiel aos fundamentos ideológicos originais. No caso do livro estudado, era importante mostrar como o racismo tornava a personagem vulnerável e que, a partir de um evento triste, a morte de Treelore, essa vulnerabilidade é, ao mesmo tempo, ampliada e questionada.

Quando o tradutor é capaz de perceber como o texto original produz sentido também se torna mais fácil para ele manter esse sentido. Esse conceito foi de grande ajuda na tradução aqui realizada, especialmente ao nos depararmos com as singularidades das falas de Abileen, particularmente naquelas em que ela não usa a língua inglesa formal. Evidentemente que esse fato se apresenta como um desafio para o tradutor. Nesse caso, ao entender que o sentido era produzido justamente pelos erros gramaticais, é que a tradução se aperfeiçoa e se mostra capaz de produzir

os sentidos que são tão importantes no texto original.

Um dos efeitos de sentido do livro analisado é nos deixar uma reflexão de caráter social e denunciar que, embora a sociedade pós-moderna apresente-se livre de discriminação e racismo, esses elementos ainda se mantêm em comportamentos de intolerância. Dessa forma, como no livro, o racismo não é algo aberto, mas se revela nas entrelinhas dos discursos, era fundamental que o tradutor conseguisse captar as entrelinhas e mantê-las no texto. Para realizar essa tarefa, a análise do discurso se mostrou uma ferramenta bem sucedida.

Referências Bibliográficas

BRITO, Cristiane Carvalho de Paula. *O discurso que (re)vela o tradutor*. *Trab. linguist. apl.*, Jun 2010, vol.49, no.1, p.53-67. Disponível e: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000100005&lng=pt&nrm=iso, acesso em: 19 set. 2014.

CAMPOS, G.C. Estudos da tradução e análise do discurso: diálogos possíveis. Cadernos do CNLF, vol. XII, nº 12. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiicnlf/12/05.pdf, acesso em: 26 out.2016.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GUILHAUMOU, Jacques. *Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos.* São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos.* São Paulo: Pontes, 2008.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos.* São Paulo: Pontes, 2009.

_____. *As formas do silencia no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 2002.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso*: re(ler) Michel Pêcheux Hoje. Campinas: Pontes: 2003.

ROCHA, Décio e DEUSDARÁ, Bruno. *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória*. *Alea*, Dez 2005, vol.7, no.2, p.305-322.http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000200010&lng=pt&nrm=isso, acesso em: 19 set. 2014

SILVA, Adriana Pozzani de La Vielle e. *Palavras de cristal: sujeito, sentido e versões no processo discursivo de reformulação de livros*. *Ling. (dis)curso (Impr.)* [online]. 2010, vol.10, n.2, pp. 251-273. ISSN 1518-7632. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ld/v10n2/v10n2a02.pdf, acesso em: 26 out.2016.

STOCKETT, K. *The Help*. New York: Berkley, 2009.

[i] E-mail da autora: adriana.dsc@hotmail.com